

Dívidas da FCT asfixiam tesouraria dos laboratórios científicos

Valor ultrapassa os 98 milhões. Instituições apontam o dedo ao subfinanciamento, à política de cativações e a alguma ineficiência

Joana Amorim
jamorim@jn.pt

CIÊNCIA A prestação de contas foi feita pelo próprio ministro da Educação e Ciência, há dias, no Parlamento. A Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) devia, em junho deste ano, 98,7 milhões de euros às instituições, com quase metade em falta há mais de seis meses. Ao JN, os reitores falam em aperto de tesouraria e investimentos adiados por conta de um problema que leva anos. A FCT, por sua vez, “informa que os pagamentos estão a ser efetuados”.

No top 10, revelado por Fernando Alexandre, dos maiores credores estão as universidades do Porto (8,8 milhões), Aveiro (8,7) e Coimbra (8,4). O reitor de Aveiro explica que os atrasos não têm tido impacto nos salários, mas causam “desequilíbrios” e “problemas de tesouraria”. Estes financiamentos, ex-

plique-se, funcionam contra fatura. Paulo Jorge Ferreira não veria problemas se as instituições tivessem “algum adiantamento logo à partida e depois trabalhavam sobre reembolso, mas com um prazo máximo”.

O problema, diz, “é que a falta de previsibilidade causa um stress particular sobre a tesouraria”. Acrescem procedimentos questionáveis: “Os contratos de pagamentos aos investigadores são aprovados pela FCT, qual é a lógica de haver uma segunda fase, podiam ser pagos diretamente pela FCT e não causar mais atrasos”, sugere Paulo Jorge Ferreira.

ORÇAMENTO E BUROCRACIA Já em Coimbra, o reitor lembra que “não há ano nenhum sem que a universidade tenha cinco ou seis milhões a receber”. Como tem uma “carteira de projetos muito grande”, a instituição “conse-

À MARGEM

Estatuto da carreira

O ministro comprometeu-se a enviar nesta semana uma nova versão da proposta do Estatuto da Carreira de Investigação Científica (ECIC) aos parceiros, incorporando os seus contributos. Segundo a reitora do ISCTE, a primeira versão “é muito inspirada na proposta do Governo anterior, que retomou, com algumas alterações”. No Parlamento, Fernando Alexandre recusou a proposta do PS: “Um jovem doutorado só poderia entrar na carreira ao fim de 11 anos”.

Mil vagas

No próximo mês, anunciou, serão abertas “mil vagas para a carreira de investigação”. Lembrando que quem vai concorrer “não sabe a que carreira concorre” porque o ECIC, de 1999, vai ser mudado.

gue gerir as coisas”, apesar do “buraco no orçamento”. Frisando que, “se calhar, o orçamento é talvez curto para o que a FCT pretende fazer”, Amílcar Falcão aponta o dedo a “alguma ineficiência”. Como a “má planificação”, com “transferência de verbas muito avultadas no final do ano, altura em que não podemos usar o dinheiro”.

“A culpa não é da FCT; é-lhes pedido milhares de coisas e os governos limitam o orçamento”, diz o diretor do i3S. Da ordem dos 550 milhões de euros, quando todos os anos, sublinha Cláudio Sunkel, ficam a “faltar 100 a 200 milhões”. Se “o impacto nas instituições pequenas é muito significativo”, no i3S, dado o volume de projetos (230), é mais “fácil gerir e não deixar de pagar aos recursos humanos”. Adiante-se, no entanto, investimentos, como seja reparar equipamentos, exemplifica.

Maria de Lurdes Rodrigues, por sua vez, ataca a política de cativações, “dramática para a FCT”. Não excluindo “alguma responsabilidade da FCT”, acredita que “a principal responsabilidade foi da política de cativações dos últimos anos”. Sublinhando a reitora do ISCTE que a “FCT tem sofrido desde o tempo da troika, nunca se tendo recuperado os níveis de investimento”.

Questionada pelo JN, a FCT confirmou a dívida, garantindo “que os pagamentos estão a ser efetuados”. Subscrevendo “a necessidade de regularização”, defendida pelo ministro. ●



MARIA DOLORETTA / GLOBALENDRENS

Investigação científica sai prejudicada com pagamentos em atraso pela FCT